



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CIDADE DE GOIÁS
UNIDADE ACADEMICA ESPECIAL DE CIENCIAS HUMANAS – UEACH
FILOSOFIA – LICENCIATURA

**PSICANÁLISE EXISTENCIAL: ENTRE A TEORIA E APLICAÇÃO NA
LITERATURA**

Matheus Pereira Dias

Cidade de Goiás – GO

2021

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: Matheus Pereira Dias.

Título do trabalho: Psicanálise Existencial: Entre a Teoria e a aplicação na Literatura.

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Matheus Pereira Dias
Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:

Pro Salmela Galantoni
Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 18/06/2021

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

MATHEUS PEREIRA DIAS

**PSICANÁLISE EXISTENCIAL: ENTRE A TEORIA E APLICAÇÃO NA
LITERATURA**

**Projeto de Trabalho de Pesquisa Monográfica apresentado ao
Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de
Goiás - Campus Goiás, como requisito avaliativo da disciplina
Monografia II sob a orientação da Prof. Dra. Ana Gabriela
Colantoni.**

Cidade de Goiás – GO

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Dias, Matheus Pereira

Psicanálise Existencial [manuscrito] : Entre a teoria e a aplicação na literatura / Matheus Pereira Dias. - 2021.
xxxvi, 36 f.

Orientador: Profa. Dra. Ana Gabriela Colantoni.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências Humanas, Filosofia, Cidade de Goiás, 2021.

Bibliografia.

1. Psicanálise Existencial. 2. Literatura Marginal. 3. Fenomenologia. 4. Ontologia. I. Colantoni, Ana Gabriela, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS HUMANAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos quatro dias do mês de junho do ano de 2021 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Psicanálise existencial: entre a teoria e a aplicação na literatura”, de autoria de Matheus Pereira Dias, do curso de filosofia, da UAECH da UFG. Os trabalhos foram instalados pela doutora Ana Gabriela Colantoni (UAECH - UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: doutor Herivelto Pereira de Souza (UnB) e mestre Silvio Carlos Marinho Ribeiro (UAECH - UFG). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 9.7 , tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Ana Gabriela Colantoni, Professor do Magistério Superior**, em 07/06/2021, às 10:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sílvio Carlos Marinho Ribeiro, Professor do Magistério Superior**, em 07/06/2021, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Herivelto Pereira de Souza, Usuário Externo**, em 01/07/2021, às 17:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2113138** e o código CRC **A17AF762**.

PSICANÁLISE EXISTENCIAL: ENTRE A TEORIA E APLICAÇÃO NA LITERATURA

RESUMO: Este trabalho é fruto de uma pesquisa filosófica acerca da Psicanálise Existencial esboçada no livro *O Ser e O Nada* (1943) de Jean-Paul Sartre (1905-1980). A princípio iremos apresentar as bases sob as quais o autor edifica sua concepção psicanalítica, a saber: Ontologia e Fenomenologia. Iremos abordar teoricamente como se estrutura a psicanálise existencial, seus principais conceitos e algumas distinções que o autor estabelece entre a psicologia e a psicanálise clássica. Dessa maneira, adentraremos na literatura sartriana *Saint Genet – Ator e Mártir* (1952) para verificar a possível aplicação de seu arcabouço teórico na análise da vida e obra do escritor Jean Genet (1910-1986), sobretudo no que tange a constituição da personalidade marginal do poeta descrita em sua autobiografia *Diário de um ladrão* (1968).

Palavras-chave: Ontologia – Fenomenologia – Psicanálise Existencial – Literatura Marginal.

EXISTENTIAL PSYCHOANALYSIS: BETWEEN THEORY AND APPLICATION IN LITERATURE

ABSTRACT: This work is the result of a philosophical research on Existential Psychoanalysis outlined in the book *The Being and Nothingness* (1943) by Jean-Paul Sartre (1905-1980). At first we will present the bases on which the author builds his psychoanalytic conception, namely: Ontology and Phenomenology. We will theoretically approach how existential psychoanalysis is structured, its main concepts and some distinctions that the author establishes between psychology and classical psychoanalysis. Thus, we will go into the Sartrian literature *Saint Genet – Actor and Martyr* (1952) to verify the possible application of its theoretical framework in the analysis of the life and work of the writer Jean Genet (1910-1986), especially with regard to the constitution of the marginal personality of the poet described in his autobiography *The Thief's Journal* (1968).

Key-Words: Ontology – Phenomenology - Existential Psychoanalysis – Marginal Literature.

Trabalho dedicado à minha família, em especial a minha mãe Luiza Bela e meu pai Orlando Pereira por me ensinarem que o “peso da caneta é mais leve que o da enxada”. Estendo a dedicação a todos os meus amigos e conhecidos do Arapoangas-DF e aqueles que não poderão ler esse trabalho por estarem presos ou no cemitério. Salve! Este trabalho é muito mais que o TCC de um curso, simboliza a derrota do sistema e caracteriza a resistência de um periférico.
VIVA A EDUCAÇÃO PÚBLICA E DE QUALIDADE!

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	9
EXISTENCIALISMO	11
PARA-SI E NEGATIVIDADE DA CONSCIÊNCIA.....	11
PARA-OUTRO E A OBJETIFICAÇÃO	14
SER-PARA-OUTRO E O SER-OBJETO.....	17
CONFLITO ORIGINÁRIO E LIBERDADE.....	19
PSICANÁLISE EXISTENCIAL	20
TEMPORALIDADE.....	20
MÉTODO EXISTENCIAL	22
DINÂMICA PROGRESSIVO-REGRESSIVO.....	24
CASO GENET: O LADRÃO	26
INFÂNCIA	26
A CRISTALIZAÇÃO DO OLHAR	29
A ESCOLHA: O MAL	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

PREFÁCIO

Jean Paul Sartre foi um intelectual francês que se dispôs a estudar os fenômenos a partir de uma perspectiva ontológica, escrevendo uma das obras mais estudadas dentro da corrente existencialista *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica* em 1943. O escritor percorre as grandes teorias do conhecimento e do pensamento filosófico, dialogando com intelectuais que investigaram a realidade humana e a vida de modo geral, desde Aristóteles à Heidegger, incluindo os fenomenólogos, marxistas e psicólogos de sua época.

Sua teoria parte do princípio de que a essência é o próprio fenômeno, diferentemente do que era estabelecido em algumas correntes epistemológicas¹. Para o existencialista, fenômeno é tudo aquilo que aparece; e o que podemos perceber ontologicamente do fenômeno de ser, é propriamente o que *o ser é*. Nesse sentido, Sartre reconhece no ser um aspecto de determinação ao qual o ser não pode se modificar por ele mesmo, pois é preciso algo fora do ser que o modifique ou que lhe atribua algum significado. Dessa maneira, por ser determinado, o ser necessita de um *não-ser* para modificar-se e obter significado, constituindo assim fenômeno. Portanto, é sob esse aspecto ontológico entre ser e não-ser que o autor irá desenvolver sua teoria acerca dos fenômenos.

Utilizando-se do vocabulário sartriano, o ser é o *Em-si*, pura identificação consigo mesmo. Ou seja, aquilo que é determinado e não pode determinar a si próprio; *facticidade*. Paralelamente, o não ser é o *Para-si*, a indeterminação ou negação, aquilo que se direciona ao Em-si para lhe atribuir significado: a *consciência*.

Segue-se que, na proposta sartriana, o Para-si é a consciência e o objeto é o Em-si. Embora essa relação não ocorra primeiramente no campo do conhecimento, Sartre lida com esses conceitos de maneira separada somente a título didático, pois na existência concreta do mundo ambos ocorrem simultaneamente e são codependentes. Dado que não existe significado do objeto sem consciência (mas nada impede que haja objeto sem consciência) e nem “consciência pura”, toda consciência é *consciência de alguma coisa*.

Ora, no existencialismo sartriano a primazia de que a existência precede a essência é norteadora da sua pesquisa filosófica. Defensor de uma postura parecida com a do *cogito* de Descartes, o autor inverterá a famosa proposição moderna do *penso logo existo* para

¹ Para Kant, a verdade não pode ser acessada pelos fenômenos, diga-se de passagem, que a coisa em si é velada ao conhecimento. Ocorre que, Sartre acusa esse tipo de teoria de produzir um dualismo de ser e aparecer, o qual pretende superar em sua ontologia fenomenológica escrita no século XX.

precedência da existência em relação ao pensamento. Nesse sentido, toda essência é posterior a existência e só pode se dar nela e por ela, ou seja, é na existência concreta que será possível a criação de qualquer essência. Sendo assim, Sartre se identifica no espectro ateu da corrente existencialista junto de outros autores, como Heidegger, por não admitir uma natureza humana fruto de uma ação divina anterior a qualquer existência, pois não há nada *a priori* que condicione a existência humana.

A corrente defendida pelo existencialista leva em consideração o *sujeito em situação*, o que significa que é preciso considerar a pessoa em sua singularidade e o contexto histórico que a cerca. Desse modo, Sartre dá relevância ao materialismo histórico dialético de Marx e inclui esse método de análise em sua proposta de *psicanálise existencial*, sobretudo no que ele irá delinear como método *regressivo-progressivo*.

De posse do existencialismo ateu e do materialismo histórico, Sartre irá levar sua pesquisa ao campo da psicanálise, dialogando com Freud na busca por uma análise da conduta humana que não caísse em nenhum idealismo e não se amparasse em esquemas mecanicistas de interpretação da realidade.

A psicanálise existencial é uma espécie de aplicação de todo seu trabalho filosófico acerca da ontologia e da fenomenologia, onde abriu novas perspectivas de estudos no século XX e posteriores. Sartre escreveu duas obras psicanalíticas de pessoas como Gustavo Flaubert, intitulada *O Idiota da Família*, e Jean Genet, intitulada *Saint Genet: Ator e Mártir*. Nessas obras, ao descrever as condutas desses sujeitos, o autor faz uso de sua metodologia existencial na tentativa de desvelar o *projeto original* dessas pessoas de biografia.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é fazer uma incursão no existencialismo sartriano e perceber as nuances da psicanálise existencial, bem como as suas implicações na obra *Saint Genet: Ator e Mártir*. Desse modo, vamos tentar caracterizar a construção do “ladrão” na personalidade de Jean Genet mediante as explicações da teoria existencialista de Sartre, explorando a filosofia existencialista através da literatura sartriana.

INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir é dividido em quatro partes, sendo a primeira uma espécie de base para que as demais possam fazer sentido. No primeiro capítulo há uma apresentação dos pilares aos quais o autor se assegurou para propor a psicanálise existencial. Segue-se que nesta etapa veremos questões relacionadas a Ontologia e a Fenomenologia e, também, como Sartre faz para articular essas duas correntes do pensamento filosófico em sua teoria.

A relação da consciência (Para-si) com os objetos (Em-si) será fundamental para a compreensão da proposta sartriana, bem como o caráter de *negação* atribuído ao Para-si e o de *plenitude* atribuído ao Em-si. Desse modo, o objetivo desta primeira parte é mostrar ao leitor como Sartre utiliza a Fenomenologia e a Ontologia para caracterizar a consciência e os objetos, bem como, também, as atitudes que as diversas consciências no mundo têm entre si e como ocorre a constituição da *subjetividade* no existencialismo sartriano.

Tendo passado pela primeira parte, já nos é possível adentrar nos conceitos fundamentais da psicanálise existencial na segunda parte, passando pela compreensão do tempo e mostrando a importância da noção do *ser-em-situação* para a teoria. Segue-se que, já de posse das bases ontológicas e fenomenológicas, este segundo capítulo colocará em relevo as divergências que o autor estabelece com a psicologia empírica, como ele propõe analisar as condutas humanas e a necessidade da *biografia* para a sua proposta psicanalítica. Também mostraremos as relações que o autor faz entre o *materialismo histórico dialético* e o *existencialismo*, no intuito de compreender seu método *progressivo-regressivo*. Além disso, mostraremos o que o existencialista entende por *escolha original* e qual o papel desta noção na sua teoria.

Já no terceiro capítulo, adentraremos na obra *Saint Genet – Ator e Mártir* para perceber como Sartre emprega seu arcabouço teórico-filosófico nesse texto. É importante salientar que tal obra foi motivada pelo convite que o filósofo recebeu da Editora Gallimard para escrever um prefácio das *Obras completas* do poeta. Assim, tal oportunidade culminou na escrita desse texto, onde o autor procurou encontrar a *gênese* do comportamento adotado por Genet e descrito na sua autobiografia intitulada *Diário de um Ladrão*.

Segue-se que, nessa terceira parte mostraremos alguns pontos convergentes entre a psicanálise de Freud e a psicanálise existencial, falaremos do período da infância de

Genet e como Sartre aborda essa fase da vida do personagem. Também vamos explicar, através do existencialismo sartriano, as circunstâncias pelas quais Jean Genet viveu, sua relação com a família (biológica e adotiva) e com a sociedade de modo geral. Tudo isso para compreender como o existencialista vai utilizando sua psicanálise existencial na caracterização do processo constitutivo da subjetividade do poeta. Portanto, neste capítulo mostraremos como o filósofo caracteriza a constituição do ladrão na personalidade de Genet qual é a *escolha original* do poeta à luz da psicanálise de Sartre.

Por fim, a última parte ficará por conta das considerações finais, onde pretende-se reforçar os laços entre as etapas percorridas no trabalho, bem como a explanação da investigação filosófica através da literatura existencial, como Sartre emprega sua psicanálise existencial em seu texto literário e as relações com a autobiografia de Jean Genet.

EXISTENCIALISMO

Esse primeiro momento do trabalho faz-se necessário uma incursão no existencialismo de Sartre para compreender alguns conceitos fundamentais de sua teoria. A proposta é entender como o autor irá articular a ontologia e a fenomenologia para dar sustentação a sua teoria e em seguida adentrar na psicanálise. Dessa maneira, vamos passar pelo entendimento de alguns conceitos sartrianos como: Para-si, Em-si, Ser-Para-Outro e etc. A elucidação dessas ideias nos ajudará a entender as relações dos humanos com outros humanos e também com as coisas no mundo. Segue-se que, esta etapa nos introduzirá nos pilares da teoria sartriana e servirá de base para compreender a proposta psicanalítica do autor.

* * * * *

PARA-SI E NEGATIVIDADE DA CONSCIÊNCIA

Na fenomenologia existencialista, o fenômeno propriamente dito é uma espécie de relação entre o Para-si e o Em-si. A menção a essa divisão é somente a título didático, pois o autor critica veementemente qualquer espécie de dualismo em sua teoria. Concretamente os fenômenos são constituídos por uma relação dialética (utilizando-se da noção hegeliana²) entre Ser e Não-Ser, em que uma das atitudes fundamentais do Para-si (consciência) com seus objetos (Em-si) é a *interrogação*. De acordo com o existencialista, o mundo não revela seus não seres a quem não os colocou previamente como possibilidades (SARTRE, 2015, p.47). Os não-seres não estão dados para uma consciência, ela que os projeta no mundo a partir da interrogação.

Para ilustrar esse raciocínio, Sartre utiliza o exemplo do homem que ao pegar sua carteira acreditava ter 1.500 francos, mas encontra apenas 1.300 dentro dela. Segue-se que, de fato só há 1.300 francos, mas esse fenômeno de encontrar somente esta quantia na carteira representa o *não-ser 1.500 francos* que o homem havia cogitado encontrar na carteira. Não existe uma “entidade” fora da consciência que represente o Não-Ser na teoria sartriana. No exemplo citado, o que existe positivamente são os 1.300 francos, mas o não-ser se revela ao homem pela possibilidade frustrada de encontrar 1.500 francos na carteira. Então, ao contar 1.300 francos em sua carteira, o não-ser 1.500 francos se revela ao dono da carteira de maneira imediata, mas só se revela porque foi colocado como

² O que permite Hegel “fazer passar” o ser ao nada é ter introduzido implicitamente a negação em sua definição mesma de ser. Isso é óbvio, porque uma definição é negativa, já que Hegel nos disse, retomando uma fórmula de Spinoza, que *omnis determinatio est negatio*- toda determinação é negação (SARTRE, 2015, p. 56)

possibilidade mediante a atitude interrogativa. Portanto, de acordo com o autor: “o homem é o ser pelo qual o nada vem ao mundo” (SARTRE, 2015, p.67).

Nesse sentido, esse movimento de negação ocorre tanto com as coisas fora da consciência (derivado dessa capacidade de interrogação da consciência), quanto com a própria consciência. Assim, a maneira do Para-si estar presente ao ser (Em-si; determinado) “implica estar em conexão com este ser por um nexos de interioridade, senão nenhuma conexão do presente com o ser seria possível; mas esse nexos de interioridade é um nexos *negativo*: nega ao ser presente que seja o ser ao qual se está presente” (SARTRE, 2015, p.176).

No que diz respeito ao Para-si, Sartre irá dizer que: a lei de ser do Para-si, como fundamento ontológico da consciência, consiste em que seu ser não coincide com a consciência no presente, porque é uma negação do Em-si orientada para um ser do futuro (possibilidade), diferentemente do Em-si que é identidade consigo no presente porque é o que é.

O si representa, portanto, uma distância ideal na imanência entre o sujeito e si mesmo, uma maneira de *não ser sua própria coincidência*, de escapar a identidade colocando-a como unidade; em suma, um modo de ser em equilíbrio perpetuamente instável entre a identidade enquanto coesão absoluta, sem traço de diversidade, e a unidade enquanto síntese de uma multiplicidade (SARTRE, 2015, p. 125).

Para o escritor, o Para-si se difere do Em-si por sua característica de negação e transcendência, visto que o Em-si é identidade consigo mesmo e facticidade (pura determinação). Já o Para-si é a consciência (indeterminada), que por sua vez, sempre é consciência de algo e isso lhe dá um caráter de projeção em relação ao Em-si, no sentido em que ela pode projetar-se em direção aos objetos na maneira de estar presente a eles, e também, projetar-se para seu ser no futuro. Segue-se que, enquanto o Em-si é plenamente positividade o Para-si é a negatividade ou nadificação.

Sartre irá definir que esse caráter transcendente do Para-si que se relaciona com si, de maneira nadificadora, “identifica-se com um Para-si que ele ainda não é e que lhe falta” (SARTRE, 2015, p. 147). Essa falta é uma projeção da consciência (de)³ si que não coincide com ela no presente, digamos que é uma maneira de ser o que não é ainda e não-ser o que é no presente. O escritor ainda menciona que o faltante de cada Para-si se define rigorosamente como faltante desse Para-si e de nenhum outro.

³ Sartre coloca em parênteses a título de imposição gramatical para diferenciar a relação que ele está estabelecendo entre a consciência e os objetos, lembrando que a relação aqui não é epistemológica e sim fenomenológica. Nesse trabalho iremos seguir a mesma regra utilizada pelo escritor.

Esse aspecto do Para-si em relação a si como falta, ou seja, não identidade consigo no presente, mas sim uma orientação para o futuro como possibilidade (de) si que ainda não é, Sartre irá definir como *circuito de ipseidade*. “O Para-si é si mesmo lá longe, fora de alcance, nas lonjuras de suas possibilidades. E esta livre necessidade de ser longe do que é em forma de falta constitui a ipseidade.” (SARTRE, 2015, p.156)

Segue-se que, essa ipseidade do Para-si tira qualquer conteúdo a priori da consciência, pois ela é pura transcendência em relação a si na maneira de não-ser si no presente (determinada), orientando-se para a possibilidade (de) si que está no futuro. Sartre defende uma perspectiva não substancializada da consciência, levando em consideração o caráter posicional⁴ do Para-si e diferenciando modos de existência da consciência.

Em outro texto filosófico, intitulado *Ensaio Sobre a Transcendência do Ego*, Sartre procurará investigar o conceito de consciência e a constituição do EGO a luz da fenomenologia de Husserl. Assim, sob um movimento concomitante de aproximação e crítica⁵ dessa fenomenologia, o existencialista se apoiará na noção de *intencionalidade* para fundamentar o caráter transcendente da consciência e interpreta-la como uma “projeção”, “ato intencional”, um movimento de “direcionar-se a”... Nesse sentido, o autor dirá que “a consciência se define pela intencionalidade. Pela intencionalidade, ela transcende a si mesma, ela se unifica evadindo-se” (SARTRE, 2013, p.14).

Segue-se que, para ele há três momentos de consciência: *reflexivo*, *refletido* e *irrefletido*. Utilizando o exemplo do autor: se estou a contar os cigarros da cigarreira e alguém me procura o que estou fazendo, de imediato vou responder que estou contando, baseado num processo reflexivo, onde me percebo a contar cada unidade de cigarros num momento anterior à pergunta dirigida a mim. Enquanto estou contando, ou seja, no ato de contar, apenas realizo fenômeno de maneira irrefletida, posicionando os cigarros. Este momento primeiro possibilita outros modos de ser da consciência, como refletido e reflexivo.

Ou seja, o ato de contar e a consciência de contar não se distinguem logicamente como se fosse uma contraposição. Na teoria existencialista não há essa distinção, no texto

⁴ Quando a consciência se orienta para um objeto significa que ela está posicionando este objeto.

⁵ Na medida em que Sartre aproxima-se da fenomenologia de Husserl para tratar de problemáticas relativas à consciência, ele também critica algumas noções do filósofo que aparentemente são contraditórias com os princípios da fenomenologia, sobretudo acerca da noção de “Ego Transcendental”.

O Ser e O Nada fala-se do prazer sem distinguir da consciência de prazer, pois o prazer é um tipo de consciência: a irrefletida. De acordo com Sartre:

O prazer não pode distinguir-se -sequer logicamente- da consciência de prazer. A consciência (de) prazer é constitutiva do prazer, como sendo o modo mesmo de sua existência, matéria de que é feito e não uma forma que se impusesse posteriormente a uma matéria hedonista. O prazer não pode existir “antes” da consciência de prazer- sequer em forma de virtualidade, potência (SARTRE, 2015, p. 26).

Na citação o escritor fala de prazer, se referindo ao prazer como a própria consciência, pois todo prazer é consciência (de) prazer, já que é consciência irrefletida, igualmente todo contar é consciência (de) contar. O que importa é percebermos esse caráter posicional da consciência, sem implicar numa relação direta de conhecimento. Aqui estamos no âmbito da consciência irrefletida, ou o que Sartre chamará de *cogito pré-reflexivo*, sem ser consciência da consciência irrefletida (refletida), onde possa ser constituído qualquer dinâmica de conhecimento. Ademais, também precisamos considerar em nossa análise a atitude negativa da consciência frente aos seus objetos, utilizando os não-seres como margem do ser a título de definição dos fenômenos, semelhante a fórmula de Spinoza⁶ “*Omnis determinatio est negatio*”⁷

PARA-OUTRO E A OBJETIFICAÇÃO

Ao tratar da realidade humana de maneira mais ampla, é preciso admitir que a consciência não se relaciona somente com os objetos, há também uma relação entre consciências. Entretanto, concretamente não existem consciências pairando por aí, é preciso considerar o corpo nesse estudo. Corpo que ao mesmo tempo é coextensivo ao mundo e é instrumento que não posso utilizar por meio de outro instrumento, ponto de vista sobre o qual não posso ter mais ponto de vista (SARTRE, 2015, p. 415).

Na teoria sartriana, o corpo é um fator relevante nas relações entre consciências, pois o Para-si é comprometido com o mundo através do corpo, revelando ser a própria facticidade da consciência. Essa estrutura de carne e ossos é a extensão da consciência e de acordo com o filósofo:

Não capto *minha* mão no ato de escrever, mas apenas a caneta que escreve; significa que utilizo a caneta para traçar letras, mas não *minha mão* para segurar a caneta. Com relação à minha mão, não estou na mesma atitude utilizadora (*utilisante*) que mantenho com relação à caneta; eu sou minha mão (SARTRE, 2015, p. 408).

⁶ Filósofo racionalista do século XVII .

⁷ “Toda determinação é negação”. Tradução livre

O escritor não atribui nenhuma cisão entre corpo e consciência, para ele não existe a dicotomia entre fatos psíquicos e fatos físicos, o corpo é uma extensão da consciência, e, portanto, só há *fatos de consciência*.

Nesse sentido, o Para-si se relaciona com o Outro⁸ através do corpo, esse corpo que não é o Para-si e é imediato à percepção da consciência. Assim, Sartre irá definir algumas atitudes essenciais da consciência frente ao Outro, uma das atitudes fundamentais é o *olhar* que o Outro projeta no Para-si, um olhar que capta para além do corpo, a consciência em sua exterioridade. Nessa teoria é preciso assinalar, também, que as regras válidas para o Para-si são as mesmas válidas para o Outro, dado que ambos são consciências, mas cada qual na sua singularidade.

Entretanto, para compreender essa relação do Outro (aquele que não sou) com a consciência (aquele que sou), precisaremos delinear algumas características do EGO na teoria sartriana. Dessa maneira, ao tratar do Eu, o existencialista lhe atribui um caráter de permanência na mudança⁹, no sentido em que:

O Eu não se dá como um momento concreto, uma estrutura perecível de minha consciência atual. Ele afirma, ao contrário, sua permanência para além dessa consciência e de todas consciências e – ainda que, por certo, ele praticamente não se assemelha a uma verdade matemática – seu tipo de existência reaproxima-se bem mais do tipo de existência das verdades eternas que do tipo de existência da consciência (SARTRE, 1937, p. 194).

Embora Sartre fale do “Eu” no texto *O Ser e O Nada*, foi no *Ensaio Sobre a Transcendência do EGO* que o autor trabalhou mais detalhadamente a temática do “Eu” na sua filosofia. Nesse texto, há uma interlocução com Kant e Descartes acerca da presença de um “Eu” na consciência, em que, através da fenomenologia e do conceito de intencionalidade, o existencialista “retira” a presença formal e material de qualquer conteúdo da consciência.

Nesse sentido, o autor menciona que: “a concepção fenomenológica da consciência torna o papel unificante e individualizante do Eu completamente inútil. É a consciência, ao contrário, que torna possível a unidade e a personalidade de meu Eu.” (SARTRE, 2013, p.14). Dessa maneira, para Sartre, não há nenhuma estrutura por detrás da consciência onde possa estar o Eu ou algum habitante inato que corresponda ao “Eu”. A consciência é simplesmente ato intencional, autônoma e destituída de conteúdo.

⁸ Outro que não Eu.

⁹ SARTRE, 2015, p. 163

Tudo é claro e lúcido na consciência: o objeto está diante dela com sua opacidade característica, mas ela é puramente e simplesmente consciência de ser consciência deste objeto, esta é a lei de sua existência. [...] Todos os resultados da fenomenologia ameaçam ruir se o Eu não for, tanto quanto o mundo, um existente relativo, significa dizer, um objeto para a consciência (SARTRE, 2013, p. 15).

Acerca desta temática, Moutinho¹⁰ também dirá que:

O EGO, na atitude reflexiva, é análogo ao objeto na atitude irrefletida: ambos aparecem como pólos-objetos, como unidade sintética transcendentem, com a diferença de que o EGO, ao contrário daquele é unidade *forjada*¹¹ (MOUTINHO, 1995, p.38).

Não obstante, fica elucidado que o “Eu” é um existente relativo à consciência, não uma entidade habitante da consciência. O Eu está *para* a consciência e não *na* consciência. Assim, Sartre dirá que o EGO não é nada fora da totalidade concreta dos estados e ações que ele suporta, para se chegar no EGO é preciso observar os estados ações da consciência, os quais nunca se reduziram a *uma* ação ou a *um* estado (SARTRE, 2013, p.26).

Segue-se que, de fato, não podemos mudar o passado porque é facticidade, mas podemos *reinterpreta-lo* à luz do futuro. O EGO se constitui como uma *produção poética*¹² (criação) a partir dos estados e ações passados da consciência, um *passado que é da consciência* e não do Outro. Assim, podemos falar de uma continuidade nesse processo de projetar-se aos objetos. Porém, na medida em que, no presente a consciência volta-se para o passado, o Eu surge como o que ela foi e se reconhece no agora à luz do futuro. Nesse sentido, também podemos dizer que o *olhar do Outro* pode conduzir o Para-si a uma reinterpretação desse passado (Em-si; facticidade) que é captado por esse olhar.

A título de elucidação, Sartre trouxe o exemplo da vergonha para iluminar a implicação desse olhar-do-outro sobre o corpo, em que a consciência se reconhece como sendo esse Ego mediante o olhar que a “flagra”. Para o autor, no momento exato em que a consciência percebe que está sendo vista por outra consciência é que a vergonha surge, visto que é “pela aparição mesma do Outro, [que] estou em condições de formular sobre mim um juízo igual ao juízo sobre um objeto, pois é como um objeto que apareço ao Outro” (SARTRE, 2015, p.290). Segue-se que, esse olhar de uma consciência direcionado a outra possibilita uma *objetivação* do Para-si que está sendo visto por Outro. Não

¹⁰ Professor associado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atua na área de História da Filosofia Contemporânea com ênfase em Fenomenologia e Ontologia.

¹¹ Grifo meu.

¹² SARTRE, 2013, p.26.

obstante, no caso da vergonha, o sentimento surge como uma forma de reconhecimento do olhar do outro, pois toda vergonha é vergonha de *si diante do Outro*, utilizando as palavras do autor.

O *ser-visto* implica uma objetivação pelo *olhar-do-outro*. Utilizando o exemplo do autor: é quando me pegam olhando pela fechadura de uma porta alheia que sinto vergonha do meu ato, pois sem a presença do Outro me vendo, esse sentimento nunca viria à tona. Assim, Colantoni¹³ dirá que “a vergonha faz o para-si reconhecer que o conjunto dos estados de pensamento e ações passados (EGO) são seus, embora esse EGO seja externo a consciência” (COLANTONI, 2016, p.34). Portanto, percebe-se que o olhar-do-outro, mediante a vergonha, contribui com o Para-si no processo de constituição desse EGO que não está “dentro” da consciência, mas sim fora, no conjunto concreto de estados e ações passadas.

Dado que é mediante o olhar-outro que a objetividade da consciência se revela, precisamos considerar o Outro como certo mediador do Eu constituído pela consciência. Nesse sentido, Moutinho é assertivo ao dizer que o EGO é uma “unidade forjada”, ou seja, forjada pelo Olhar-do-Outro e também pela consciência através dos seus estados e ações passadas.

Ora, se a vergonha se encaixa num reconhecimento (de) si através do Outro, esse Outro guarda algo desta consciência que ela só consegue acessar mediante esse olhar-outro que a objetifica. Entretanto, não podemos esquecer que a própria consciência também cumpre esse papel do olhar-outro com outros corpos, porque além de ser objetivada ela também objetifica.

Nesse sentido, será que a consciência é esse “*eu-objeto*” projetado por esse olhar-outro do Outro? O Outro é que tem primazia na definição do Eu que sou? Veremos no desenrolar dos próximos parágrafos.

SER-PARA-OUTRO E O SER-OBJETO

Em interlocução com Hegel, Sartre admite que o filósofo teve a genialidade em fazer a Consciência dependente do Outro em seu ser¹⁴. Na obra o autor menciona que: O Outro não deve ser procurado primeiro no mundo, e sim do lado da consciência, como uma consciência na qual e pela qual a consciência se faz o que é (SARTRE, 2015, p.350).

¹³ Professora adjunta da regional Goiás da Universidade Federal de Goiás (UFG), atua na área de Ética com doutorado em Sartre.

¹⁴ SARTRE, 2015, p. 308.

Entretanto, para o existencialista, a questão ontológica fora colocada em termos epistemológico, o que incorre numa relação de conhecimento do Outro. Não obstante, como já delineamos aqui, as relações trabalhadas estão no campo fenomenológico e o Para-si se orienta aos seus objetos na maneira de não-ser esses objetos, o que implica uma orientação de negatividade da consciência em relação ao Outro.

Posto isso, é preciso nos atentar para o processo de objetificação da consciência mediante o olhar-outro, processo pelo qual viabiliza o juízo de um acerca do outro. Nesse sentido, o que se julga é a objetividade derivada do olhar e não a consciência mesma, que nesse caso seria o “olhado”. Veja bem, para a consciência é impossível perceber-se de seu próprio ponto de vista, é preciso que admita o ponto de vista do Outro no mais íntimo da consciência para que se possa ter acesso ao *Eu-objeto*. É nesse sentido que Sartre dá razão a Hegel por introduzir na categoria da consciência o Outro, pois nem sempre é preciso do corpo-outro para que possamos assumir o ponto de vista do Outro sobre a consciência.

“O Outro é o ser ao qual não volto minha atenção. É aquele que me vê e que ainda não vejo; aquele que me entrega o que sou como *não revelado*, mas sem revelar-se a si mesmo” (SARTRE, 2015, p. 346). Em outras palavras: O Outro guarda uma dimensão da consciência não revelada a ela por ela, essa dimensão não pode ser percebida pelo Para-si tal como o Outro a percebe. Este raciocínio também se encontra na literatura sartriana, especificamente no livro *Saint Genet: Ator e Mártir*, onde Sartre desenvolve as implicações desse olhar-do-Outro no pequeno Genet. Assim, quando o garoto é surpreendido por esse olhar: “Tudo acontece como se, bruscamente, a página de um livro se tornasse consciente e se sentisse *lida em voz alta* sem poder *ler-se*” (SARTRE, 2002, p. 51). Desse modo, utilizando as palavras do autor, o Para-si é incognoscível para o Outro como Para-si.

Em resumo, identifico-me totalmente com meu ser-visto a fim de manter à minha frente a liberdade olhadora do Outro, e, como meu ser-objeto é a única relação possível entre eu e o Outro, é somente este ser-objeto que pode me servir de instrumento para operar a assimilação a mim da *outra liberdade* (SARTRE, 2015, p. 456).

Observemos que o autor coloca o ser-visto como “elo” entre a consciência e o Outro, lembrando que ambos são Para-si com atitudes fundamentais nadificadoras. Ocorre que, num primeiro momento sou visto e objetificado por Outra consciência, mas paralelamente, também posso objetificar o Outro mediante meu olhar. Nesse sentido, podemos perceber um certo conflito entre os olhares que revelam o *Ser-Para-Outro* de

cada consciência, embora esse ser esteja na posse do Outro num primeiro instante, cada consciência é livremente responsável por suas atitudes que serão vistas e, ainda que, “eu não seja para-mim esse ser-para-outro, o Para-si escolhe tentar ‘arrumar’ esse ser-para-outro, porque apesar do Para-si não ter essência, ele quer constitui-la, e por isso, importa-se” (COLANTONI, 2016, p.98). Portanto, o Ser-Para-Outro é uma dimensão fundamental do Ser-Para-Si, em que, qualquer dinâmica de constituição da subjetividade passa por essa objetivação da consciência, pelo ser-visto e conseqüentemente pelo olhar-do-outro.

CONFLITO ORIGINÁRIO E LIBERDADE

Visto que a dimensão Ser-Para-Outro exige a relação recíproca entre as consciências envolvidas, percebemos que o “motor” dessa relação é o *conflito* entre as atitudes do Para-si e do Outro. Assim, o autor diz que:

Tudo que vale para mim vale para o Outro. Enquanto tento livrar-me do domínio do Outro, o Outro tenta livrar-se do meu; enquanto procuro subjugar o Outro, o Outro procura me subjugar. [...] O conflito é sentido originário do ser-para-outro (SARTRE, 2015, p.454)

Podemos constatar que esse conflito está no cerne da objetivação do Outro, colocando o Para-si numa situação delicada como exemplificado no caso da vergonha. É pelo reconhecimento do olhar-outro que a vergonha surge, fatalmente. Entretanto, a grande chave do pensamento sartriano consiste na *liberdade* atribuída à consciência, pois nesse caso ela terá a possibilidade de assumir essa objetivação feita pelo Outro ou negá-la, mas qualquer significação que a consciência possa atribuir a essa objetivação terá que ser a luz de um futuro que é somente sua.

Segue-se que, é impossível fugir da objetivação feita pelo olhar-outro, mas a partir do momento em que reconheço a objetivação feita pelo Outro posso escolher não-ser essa objetivação, ou também posso assumi-la. Desse modo, não há como impedir a objetivação feita pelo Outro, mas é possível agir¹⁵ em relação a essa objetivação. No caso de Genet, na obra *Saint Genet: Ator e Mártir*, o autor irá dizer que o pequeno garoto agiu em relação a objetivação feita pelos adultos a sua volta: ele decidiu ser Ladrão¹⁶.

Não obstante, também no exemplo da vergonha, reconheço que sou pervertido aos olhos do Outro enquanto olho pela fenda da fechadura, mas sou livre para agir sobre essa

¹⁵ “Agir é posicionar-se diante das condutas concretas do outro, negando-as, reafirmando-as ou reproduzindo-as.” (MOURA, C. E. *Psicanálise Existencial, Existencialismo e História: A dimensão sócio-material e a autenticidade no processo de construção de si*. São Carlos: UFSCar, 2016, p.130).

¹⁶ SARTRE, 2002, p.61

perversão, posso escolher continuar com essa conduta ou não. Tudo dependerá da relação que a consciência estabelecerá entre esse passado que ela foi (também constituído pelo olhar-outro) com o futuro ao qual está orientada.

“Meu projeto de recuperar meu ser só pode se realizar caso me apodere desta liberdade e a reduza a ser liberdade submetida à minha” (SARTRE, 2015, p. 457). Com essas palavras, o existencialista defensor da liberdade coloca assunção da liberdade fundamental do Para-si como possibilidade de recuperar seu ser que foi alçado pelo Outro. Nesse sentido, por mais que o outro tenha a liberdade de me objetificar mediante o olhar, a consciência pode submeter essa liberdade para então decidir o que fazer com essa objetificação. Portanto, a famosa frase de Sartre que diz: “o importante não é o que fazem de nós, mas o que nós mesmos fazemos com o que fizeram de nós” (SARTRE, 2002, p.61) deriva deste percurso teórico-filosófico desenvolvido em *O Ser e O Nada*.

PSICANÁLISE EXISTENCIAL

Nos parágrafos anteriores pudemos compreender a conceituação técnica da teoria e também as relações fundamentais da consciência com seus objetos. Agora, nessa etapa, iremos dar ênfase na proposta de psicanálise lançada pelo autor, bem como nas suas metodologias e influências teóricas. Esse percurso nos colocará diante do aparato teórico que possibilitou Sartre realizar análises existencialistas. Nesse sentido, para entender as conclusões que Sartre faz em relação a Genet, é preciso ter assentado as bases ontológicas e fenomenológicas juntamente com o entendimento da psicanálise existencial.

* * * * *

TEMPORALIDADE

Para compreender a teoria sartriana é preciso ter em mente que o filósofo sempre está falando de um *homem em situação*, o que significa que o existencialismo está preocupado com a pessoa em sua singularidade entrelaçada no seu contexto social e histórico. Não podemos dizer que Sartre ignora as estruturas da sociedade, mas o seu ponto de partida é uma certeza de que existimos, o mundo e a consciência, e que toda implicação após esse fato é responsabilidade do existente.

Ora, o autor elabora seu método de interpretação das condutas humanas levando em consideração os três momentos temporais: passado-presente-futuro. Para o existencialista a realidade humana é temporal, no sentido de que a consciência é uma síntese entre essas dimensões do tempo. Observemos que uma das características

fundamentais do Para-si é a transcendência, que é esse movimento de direcionar-se para fora. Dessa maneira, o Para-si está no presente, momento de interpretação e tomada de decisão, iluminado pelo futuro que são suas possibilidades.

Acerca do passado o existencialista diz que sempre irá remeter a algum existente, pois para que haja passado é preciso o ser deste passado. Nesse caso, toda consciência tem um passado que é só seu e de mais ninguém, esse momento é reconhecido pelo Para-si na medida em que se fala de um “era” ou de um “fui”. Segundo o filósofo todo passado é Em-si porque não podemos retirar nada do que aconteceu e muito menos acrescentar nada no que já ocorreu, ele está petrificado e esgotado de todas as possibilidades de escolha. “O passado é a totalidade sempre crescente do em-si que somos” (SARTRE, 2015, p. 168).

No tocante ao presente podemos concordar que esse é momento do agora ao qual incorre a consciência, no ato de nadificar, posicionar ou *projetar-se rumo a*. O Para-si é esse presente. Sartre dirá que: “O Para-si é presente ao ser em forma de fuga; O Presente é uma fuga perpétua frente ao ser. [...] o sentido primeiro do Presente: O presente não é” (SARTRE, 2015, p.177).

Faz sentido compreender o Para-si como esse presente em forma de fuga dado que a consciência é nadificadora do Em-si, e, portanto, o passado é esse Em-si (facticidade) ao qual não podemos escapar, apenas ressignificar. Ora, essa significação ocorre a luz do Futuro que “não faz mais [do] que pré-esboçar os limites nos quais o Para-si se fará ser como fuga presentificadora”, e também, “o Futuro não tem ser enquanto Futuro¹⁷. Não é Em-si, e também não tem o modo de ser do Para-si, já que é o sentido do Para-si.” (SARTRE, 2015, p. 183). Portanto, o Futuro tem uma grande relevância na fenomenologia temporal de Sartre que consiste em ser o sentido da fuga que é o Para-si mediante o passado. É à luz de um futuro, que organiza o campo dos possíveis, onde viabiliza uma ressignificação desse passado ocorrido, que o Para-si está presente.

Aqui implica uma relação do Para-si de transcendência em relação aos momentos temporais, tal relação também implica uma noção de mudança e deriva numa preocupação do existencialista com a pessoa temporal, com essa consciência que amarra esses momentos temporais na *práxis*. É sob essa ótica que as condutas humanas serão investigadas, sob uma “verdadeira perspectiva viva que é temporal” (SARTRE, 1987, p.

¹⁷ O futuro não têm ser ao modo do Em-si, no sentido de determinação. O futuro é o ser que o Para-si se projeta.

154). Ou seja, que carrega esses momentos temporais e se faz fuga à facticidade rumo ao futuro que é seus possíveis.

MÉTODO EXISTENCIAL

Considerando a pessoa como essa consciência que se projeta e nadifica os Em-si a sua volta, Sartre procurou desenvolver uma teoria que não dependesse de conceitos *a priori* para explicar ou definir questões humana subjetivas. O autor se aproxima mais de uma visão não substancialista, a qual, em consonância com Spinoza, acredita não poder reconstruir a substancia ou os seus atributos pela soma de seus modos, diferentemente dos psicólogos empiristas. Na visão do autor:

O psicólogo empírico, definindo o homem por seus desejos, permanece vítima da ilusão substancialista. Encara o desejo como existente *no* homem a título de “conteúdo” de sua consciência, e supõe que o sentido do desejo é inerente ao próprio desejo (SARTRE, 2015, p.682)

Dado que a consciência é Para-si e define-se pela intencionalidade, incorremos numa noção de vazio atribuído à consciência que procura seu sentido na transcendência, ou seja, fora dela. Ora, se a consciência é essa falta (círculo de ipseidade) e uma constante transcendência, não podemos admitir na perspectiva existencial que haja algum conteúdo na consciência, até mesmo um desejo. Na ontologia sartriana o desejo define-se por seu objeto transcendente¹⁸ e não habita nossa mente, pois o Para-si (consciência desejante) é uma projeção voltada ao Em-si (objeto desejado) que lhe atribui sentido e significado.

É importante salientar que o existencialista não está interessado em estabelecer nenhuma espécie de antropologia ou algum estudo parecido. Sartre está interessado nos fatos singulares da existência humana particular, sua teoria não tem a pretensão de estabelecer conceitos universais acerca das condutas humanas e muito menos esquemas *a priori* de interpretação da realidade humana.

A psicologia empirista parte dos desejos inerentes aos humanos e tenta reconstruir a personalidade humana mediante uma “somatória” dos feixes de tendências comportamentais observados. A psicanálise existencial também não deixará de observar tais desejos e comportamentos, mas não os somará, nem os agrupará segundo esquemas constituídos *a priori* e nem afirmará que o passado é responsável pelo presente. Diferentemente, o existencialismo irá *comparar* tais tendências comportamentais e tentar

¹⁸ SARTRE, 2015, p.479.

perceber algum “denominador comum” entre as informações coletadas, um traço que pudesse indicar uma *escolha fundamental* existencial, no futuro.

Segue-se que, há pessoa com tendências comportamentais porque há um conjunto de fatores relacionados. A análise das suas condutas deve levar em consideração a singularidade, bem como também o contexto histórico social que a envolve. Nesse sentido, a noção de *ser-em-situação* é bastante fundamental na teoria sartriana, pois desde o nascimento a consciência se “depara” com o mundo a sua volta, com as coisas e o Outro (realidade circundante). Então, é *em situação* que será possível a constituição de qualquer subjetividade, segundo Moura:

Só é possível agir e se produzir como uma “subjetividade” que se manifesta concretamente na realidade circundante (construção da historicidade do Para-si) em e a partir de condições iniciais já dadas (realidade estruturadas, dimensão sócio-material, mundo antropomorfizado) que, por sua vez, condicionam o existente: o processo de construção de si se dá sob a base de condições anteriores (condições concretas e abstratas determinantes: economia, educação, política, ideologia, história) (MOURA, 2015, p.401).

Dessa maneira, Sartre atribuirá grande relevância ao materialismo histórico dialético como ferramenta de identificação dos elementos estruturais de uma determinada conduta. Mas, admitirá que a compreensão da subjetividade foi dissimulada no conceito “natureza humana”, e que, portanto, o materialismo histórico dialético tinha perdido a capacidade de compreensão da subjetividade humana, tornando-se uma teoria mecânica nas mãos dos marxistas de sua época.

Assim, enxergando o materialismo histórico dialético como uma ferramenta não superada e ainda útil para a análise humana, Sartre irá integrar o existencialismo nesse método para evitar uma substancialização da subjetividade humana, como ocorre com o conceito de “natureza humana”.

O existencialismo acredita, [...], poder integrar este método porque ele descobre o ponto de inserção do homem em sua classe, isto é, a família singular como mediação entre a classe universal e o indivíduo (SARTRE, 1987, p. 138).

Veja que o autor está sendo bastante cauteloso em sua análise pois ele visa uma consciência autônoma, mas que, paralelamente, recebe interferências do meio em que está inserida. Desse modo, é fundamental precisar bem a consciência em análise, isso significa que é preciso ir na história dessa pessoa, na sua singularidade, e também, precisar o grupo social em que ela teve suas vivências, como família, amigos, vizinhança e etc... Todo esse esforço para se ter uma compreensão existencial de suas condutas.

De acordo com o filósofo, é preciso ir mais longe e considerar em cada caso particular o papel do indivíduo no acontecimento histórico. Nesse sentido:

O objeto do existencialismo é o homem singular no campo social, em sua classe no meio dos objetos coletivos e outros homens singulares, é o indivíduo alienado, retificado, mistificado, tal como o fizeram a divisão do trabalho (SARTRE, 1987, p.138).

O método defendido por Sartre leva em consideração as vivências singulares da pessoa e toda a situação a sua volta. Compreende-se que, na psicanálise existencial, o caminho a ser percorrido será dado pela *biografia* do sujeito, é nela que o analista encontrará “relatos de acontecimentos exteriores e alusões a grandes ídolos explicativos de nossa época” (SARTRE, 2015, p. 685).

Não obstante, podemos observar que na teoria existencialista a biografia entra como um elemento da dimensão Ser-Para-Outro. Lembremo-nos que o olhar do Outro tem a capacidade de objetificar aquele que é visto, isso significa que a obra biográfica é o movimento do autor em se colocar na posição de Outro para se “olhar” e objetificar-se com a *escrita*. As palavras inscritas numa biografia têm a capacidade de revelar o autor-objeto, que é essa dimensão Ser-Para-Outro de quem escreve e simboliza a parte “visível” ou de “fora” existencialmente. Ora, é nessa acepção que será possível a psicanálise existencial proposta por Sartre, na medida em que se acessa o Ser-Para-Outro através da biografia.

DINÂMICA PROGRESSIVO-REGRESSIVO

Visto que o filósofo integra o existencialismo numa interpretação material e social da história, na sua proposta de psicanálise haverá um modo de interpretação da pessoa – que é esse Para-si com suas vivências integradas num ambiente histórico e social- onde levará em conta dois fatores: a biografia e o contexto histórico-social.

Desse modo, o existencialista criará o método *progressivo-regressivo* a título de ferramenta *heurística*¹⁹ que permitirá uma análise mais totalizante do indivíduo por parte da psicanálise existencial.

Ora, essa utilização de dois “ângulos” para compreender a consciência exigirá um aprofundamento na história singular da pessoa: seus gostos, suas vontades, seu *Eu-objeto* mediado pelas palavras contidas na obra biográfica. Bem, como também, será necessário

¹⁹ Ciência que se dedica a descobertas dos fatos.

fazer uma observação atenta às pessoas que a rodeiam, como a familiares, amigos e toda sua história de vivências para então captar as estruturas sociais que o afetam.

Acontece que é através de uma análise minuciosa do contexto que será possível delinear com mais detalhes as condições da consciência nesse contexto. Não obstante, quanto mais aprofunda-se na biografia e na história singular dessa consciência, mais elementos contextuais surgem na análise existencial. Portanto, método progressivo-regressivo porque “não terá outro meio senão o ‘vaivém’: determinará progressivamente a biografia (por exemplo) aprofundando a época, e a época aprofundando a biografia” (SARTRE, 1987, p. 171).

Assim o autor tenta desvendar as condutas de cada consciência analisada sem cair no determinismo do contexto histórico social, mas também sem fechar-se numa concepção subjetivista apartada de toda exterioridade do mundo. Segue-se que a psicanálise existencial enxergará o humano como uma *totalização em curso*, uma relação interiorização e exteriorização da consciência no mundo, do sujeito em situação, uma *unificação*. Dessa maneira, Sartre compreenderá que “em cada inclinação, em cada tendência, a pessoa se expressará integralmente, embora segundo uma perspectiva diferente, um pouco como a substância spinozista se exprime inteira em cada um de seus atributos” (SARTRE, 2015, p. 690)

Desse modo, a teoria existencial busca uma consciência que é unificação dessa relação interior e exterior, da biografia e do contexto social, uma consciência que está no campo da *práxis*. Ou seja, não há uma biografia apartada de uma estrutura social e política, bem como também, não há qualquer estrutura social sem sujeitos de biografia. Por isso que se faz necessário um método progressivo-regressivo, pois essa ferramenta heurística permite analisar esses dois aspectos concomitantemente, trazendo à tona a escolha prioritária dentre as tendências observadas, ou melhor, a *escolha original*.

Dessa forma, essa escolha original ou fundamental é uma prioridade que a consciência elege ao longo da existência. De modo que, dentre as diversas tendências comportamentais da pessoa, a psicanálise existencial nos permite destacar essa escolha prioritária que diz respeito à singularidade e a unificação dessa consciência no mundo. Nesse sentido, enquanto a psicanálise empírica buscou no passado as “causas” das condutas humanas, a psicanálise existencial analisou o passado somente a título de caracterização da escolha original do indivíduo, pois toda “causa” de conduta está no futuro, nas possibilidades do Para-si.

Entretanto, para o existencialismo a escolha original não é uma eleição genérica humana, ela diz respeito ao Para-si em questão e da maneira como ele se orienta no mundo, através da compreensão da relação singular-universal. Acerca desta concepção, Moura também dirá que:

O projeto existencial, desta forma, é uma imagem de si (conhecimento e percepção de si) pré-esboçada a partir de uma situação concreta que representa a maneira pela qual o sujeito se engaja no mundo a partir de suas escolhas (escolhas daquilo o que ele se faz ser no mundo) e por uma liberdade que existe em situação (MOURA, 2015, p.420)

Desse modo, a psicanálise existencial procurará apresentar o modo pelo qual a consciência elege essa escolha original, procurando “elucidar com uma forma rigorosamente objetiva a escolha subjetiva pela qual cada pessoa se faz pessoa, ou seja, faz-se anunciar a si mesmo aquilo que ela é” (SARTRE, 2015, p.702).

CASO GENET: O LADRÃO

Ora, de posse dos fundamentos ontológicos e fenomenológicos pudemos adentrar com mais segurança na psicanálise existencial. Conseguimos delinear as estratégias e concepções adotadas pela psicanálise e agora, nessa última etapa, iremos observar como o autor faz a utilização dessa teoria para interpretar as condutas de um humano. No nosso caso, em específico, iremos acompanhar como o existencialista analisa o Jean Genet e como ele também vai caracterizando o ladrão que se tornou aquele homem. Portanto, agora iremos passar do plano teórico para a verificação de aplicação da teoria e suas implicações.

* * * * *

INFÂNCIA

A compreensão do humano na psicanálise existencial se assemelha à psicanálise de Freud em alguns pontos: 1) consideram que um ato humano não encerra seu significado em si mesmo, ambas as psicanálises acreditam que tais atos remetem a estruturas mais profundas; 2) ambas dão bastante relevância aos primeiros anos de existência da vida humana, ou seja: a *infância*. Ora, é neste período que ocorrerá as primeiras vivências da vida humana e algumas delas serão “marcantes” - podemos colocar assim. Segue-se que, com base na psicanálise existencial, o autor tenta captar esse humano que vive as tensões universais de modo particular, o seio da família sendo o ambiente que fornece as condições das primeiras vivências da criança.

É a infância que modela preconceitos insuperáveis, é ela que faz sentir, nas violências da domesticação e nos desnorreamentos do domesticado, a pertinência ao meio como *um acontecimento singular*. Só a psicanálise permite, hoje, estudar a fundo o processo pelo qual uma criança, no escuro, tateante, vai tentar desempenhar, sem compreendê-lo, o personagem social que os adultos lhe impõem, só ela nos mostrará se a criança sufoca em seu papel, se procura fugir dele ou se o assimila inteiramente (SARTRE, 1987, p. 138)

Para compreender Jean Genet, Sartre teve que fazer uma incursão na vida desse homem, inclusive no período de sua infância. Ao ter sido convidado pela Editora Gallimard para escrever o prefácio das *Obras completas* de Genet, o existencialista se impressionou pela forma que aquele homem exaltava as condutas mais escatológicas em sua obra, pelos estilo de escrita diferente de outras literaturas tradicionais da época.

Através da psicanálise existencial, Sartre queria descobrir a origem dessas atitudes não tradicionais que o autor colocará em suas obras, mas para isso era preciso conhecer aquele homem em seu processo de totalização e isto exigia a utilização de todo aparato psicanalítico desenvolvido em sua obra. De acordo com Justino Martins²⁰, ao fazer esforços junto com outros intelectuais para fazer Genet ser reconhecido por suas obras literárias na França, “Jean Cocteau, Jean-Paul Sartre e Albert Camus, impressionados, solicitaram para o condenado o perdão do presidente da república, Vincent Auriol” (GENET, J. 1968, p.12). Assim, com toda essa movimentação entorno de Genet, criou-se um ambiente favorável para que o existencialista aplicasse sua análise existencial nesse homem de biografia peculiar.

Não obstante, “como fonte privilegiada das pesquisas existencialistas de Sartre, Genet servia tão bem quanto um presidente, um rei, um magnata, um marechal, um papa” (SARTRE, 2002, p.8), pois além de ter acesso a sua autobiografia, o filósofo também era amigo do poeta e estabelecia diálogos a título de pesquisa psicanalítica.

Posto isto, no início da obra *Saint Genet: Ator e Mártir* escrita por Sartre, ele começa a delinear as condições pelas quais Genet se encontrava, procurando compreender em que contexto esse ser humano se criou e teve suas primeiras vivências. Assim, os primeiros episódios da existência deste homem são bastante significativos, pois Genet foi rejeitado pela mãe biológica que o confiou a assistência pública, sendo entregue a uma família de camponeses por essa assistência quando tinha 7 anos de idade.

Nesse primeiro momento da existência humana tudo é muito confuso, pois ainda não há valores constituídos na personalidade infantil e o papel que os adultos exercem na

²⁰ Escritor da introdução da 2ª edição da obra *Diário de um ladrão*, 1968.

constituição da subjetividade da criança é de grande relevância para a psicanálise. A família camponesa não era uma família burguesa, mas os valores familiares são os valores de uma sociedade capitalista e Sartre vê a posse com um valor estimável no meio camponês. Nesse sentido, Genet apreende junto a família camponesa as noções de propriedade, família e por consequência as noções de Bem e Mal.

Ao passar dos anos Genet começa a perceber sua existência e “desde a sua mais remota lembrança, a natureza é que é contra ele” (SARTRE, 2002, p. 20). Rejeitado por aquela que o trouxe a vida e adotado por um casal desconhecido, o garoto sente que “expulsaram-no no mesmo momento que o punham no mundo” (SARTRE, 2002, p. 21). No tocante a família, o autor diz que o garoto não passava necessidades, os pais adotivos davam o básico para viver, como comida, roupa, cama e etc.

Entretanto, era justamente porque *davam* as coisas à Genet que ele foi se distanciando de seus pais adotivos, porque era “tanta bondade [que] *o obriga* a reconhecer: eles *não eram obrigados* a adotá-lo, alimentá-lo, cuidar dele” (SARTRE, 2002, p. 22). Assim, o garoto criado sob a égide das noções de propriedade se vê um completo *despossuído*, pois não é digno de mãe e muito menos de família. Genet veio do nada e não tem nada, sua perspectiva é de exclusão total.

Acontece que, para o autor, “Genet carrega no coração um velho momento, que nada perdeu da sua virulência, vazio infinitesimal e sagrado que termina uma morte e começa uma horrível metamorfose” (SARTRE, 2002, p. 15). Esse momento é uma “revelação constituinte que se operou, um dia, pela mediação de outrem, e que pode recomençar a qualquer minuto” (SARTRE, 2002, p. 17). Trata-se do momento em que Genet é pego roubando dentro de casa aos 10 anos de idade.

Ora, Genet faz pequenos furtos em sua casa e na vizinhança, mas de acordo com o existencialista: “aos seus olhos, esses pequenos furtos não importam; ele mal atenta para o que faz, apenas suas mãos passeiam. Aliás, sua mãe adotiva não fazia nenhuma cerimônia para ‘subtrair’ pequenas coisas” (SARTRE, 2002, p. 24). Desse modo, o garoto não tem nenhuma noção do que é *roubar*, ele “pensa menos em roubar do que fazer experiências imaginárias de apropriação” (SARTRE, 2002, p. 24).

Sartre acredita que o garoto realizava essas atitudes para não ter que agradecer ninguém pelo objeto possuído, pois o seu esforço com as mãos ligeiras lhe dava propriedade sobre os objetos furtados. Assim, “os furtos de Genet, longe de contestarem a propriedade, a afirmam” (SARTRE, 2002, p.25), pois o garoto queria se sentir o possuidor.

Entretanto, a família adotiva do garoto o transmitiu valores que sustentaria a sua condenação à prática do roubo, “mas nos atos furtivos que ele comete quando está sozinho, [Genet] *não reconhece* o delito que o condena” (SARTRE, 2002, p. 27). Segundo Sartre, “para a criança que rouba e para a criança que se masturba, existir é *ser visto pelos adultos*, e já que essas atividades ocorrem na solidão, elas *não existem*. ” (SARTRE, 2002, p. 28).

Portanto, o sentimento de rejeição após o nascimento em relação com a sensação de exclusão social mistura-se aos valores camponeses e Genet opta pelo furto como meio de sentir-se possuidor de algo, mas não enxerga essa atitude como um delito. Essa consciência do furto será pouco a pouco apreendida pelo garoto, mas ele só será capaz de reconhecê-la através de uma palavra vertiginosa proferida por um adulto em direção ao seu ser: *Ladrão*.

A CRISTALIZAÇÃO DO OLHAR

Ao ser visto por Outro nos tornamos objeto para o olhar que nos capta, desse modo Genet tornou-se objeto para os adultos que o cercavam. Entretanto, não foi pelo ato de olhar por uma fechadura de uma porta desconhecida- como no exemplo de *O Ser e O Nada*- que a consciência foi flagrada por Outro. Foi praticando um ato conhecido socialmente como roubo que o criminoso surgiu para o olhar do adulto que flagrou Genet.

Desse modo, o pequeno garoto fica a saber o que é Ladrão através dos adultos que enxergam nele *o marginal*, instalando em si próprio um *Outro diferente de si* mediante a *vergonha* do olhar-outro que o cristalizou em criminoso. Não obstante, Genet fica a saber o que é ladrão pelos adultos que o cercam, mas não é só isso que lhe foi atribuído, também os valores e todos os costumes socialmente estabelecidos lhe foram transmitidos pela família quando criança, até mesmo sua ingenuidade infantil foi-lhe conferida pelos adultos.

Convenhamos que a noção de ingenuidade, propriedade, Bem e Mal são passadas ao pequeno garoto pela educação camponesa de seus pais adotivos, até então uma criança não sabe distinguir uma apropriação de um furto (no tocante ao ato não há nenhuma distinção, a diferença consiste na força de cada palavra), pois os parâmetros para tais julgamentos são ensinados pela família e a criança absorve-os ao longo da vida. Nesse sentido, acerca da produção do Para-si como pessoa, Moura dirá que:

O processo de personalização segue, por consequência, uma condição necessária e fundamental (e eminentemente racional), a saber, há inevitavelmente o “olhar” do Outro (que qualifica) e o “olhado” (que é

qualificado) para que o existente se produza como pessoa. (MOURA, 2015, p.416).

Dessa maneira, o filósofo explicará que não só os valores desejáveis foram transmitidos à criança pelo Outro (os adultos que o cercam, família), mas também todos os valores de rejeição, daquilo que não se deve desejar ou fazer. Segue-se que:

O homem honesto se definirá rigorosamente pelas tradições, pela obediência, pelo automatismo do Bem e chamará de *tentação* a todo esse formigamento vago e vivo, que ele mesmo ainda é, mas um “ele mesmo” selvagem, livre, exterior aos limites que traçou. (SARTRE, 2002, p. 36)

Ora, observemos que no existencialismo sartriano o Mal é entendido como uma faceta do Bem, no sentido em que, de acordo com o autor: toda construção comporta uma parte, pelo menos igual, de destruição²¹. Segue-se que, Sartre acredita que essa parte negativa das nossas ações, como é o caso da destruição no processo construtivo, são negligenciadas para não abalar a ordem social. Desse modo, fazendo uma paráfrase, as pessoas desconsideram o ódio dos amantes em relação os inimigos do amado, como se fosse possível amar alguém sem odiar os inimigos desse alguém amado.

Não obstante, não só desconsidera-se esse “ódio velado” do amante em relação aos inimigos do amado, como também essa conduta odiosa é relegada ao Outro, ou seja, o homem honesto que é amante e sente ódio dos inimigos do amado dificilmente enxergará essa faceta “odiosa” em si mesmo, pois o Mal é sempre o Outro e nunca ele próprio. “O Mal é o Outro e é ele mesmo, enquanto é para si mesmo Outro diferente de si; é a vontade de ser outro e de que tudo seja Outro, é o que é sempre Outro, diferente daquilo que é” (SARTRE, 2002, p. 37).

Pois bem, o Mal nunca sou eu e são essas considerações que levou o existencialista a dizer que:

O único que faz do mal a sua constante preocupação é o homem de Bem, pois o Mal é, primeiro, a sua própria liberdade, isto é, um inimigo sempre renascente, que sempre se deve abater. Mas não vamos tão depressa. O mau existe, nós o encontramos em todos os lugares, a qualquer hora; ele existe porque o homem de bem o inventou (SARTRE, 2002, p. 39)

Desse modo, a sociedade criou o seu “arquétipo” de Mau e conseqüentemente a família adotiva transmitiu essa moral para o pequeno Genet. Entretanto, ao apanhar o pequeno garoto com suas mãos ligeiras em furto, o adulto não se precipita em fazer o

²¹ SARTRE, J. 2002, p.35.

juízo, ou melhor: a condenação. Genet roubou, portanto é ladrão. É ladrão hoje, é ladrão amanhã e será sempre ladrão. Por mais que o pequeno jure que não vai fazer mais esses furtos, os olhares enviesados anunciam o próximo delito, o trancamento das gavetas previne os próximos roubos, os adultos agem em função de uma presença perpétua do roubo.

Já era, Genet “considera a existência dos adultos como mais certa do que a sua própria e os testemunhos deles como mais verdadeiros que o da sua consciência” (SARTRE, 2002, p.46), assim o pequeno garoto

se convenceu de que ele é, no mais profundo de si mesmo, *um Outro diferente de si*. Doravante, sua vida será apenas a história das suas tentativas para apreender esse Outro nele mesmo para olhá-lo de frente-isto é, para ter uma intuição imediata e subjetiva da sua maldade, para *se sentir mau* – ou para fugir dele (SARTRE, 2002, p.46)

Pronto, está lá cristalizado no garoto o criminoso, o marginal e o ladrão. Esses conceitos gerais e abstratos tomam realidade no corpo do pequeno Genet que fazia “apropriações imaginárias”. Para um homem honesto ter empatia com Genet era necessário que ele assumisse a possibilidade do furto nele próprio, como ser humano passível de roubar, mas isso já é demais para a sociedade que sempre enxerga o Mal fora de si, no Outro, e agora o enxergam em Jean Genet.

A ESCOLHA: O MAL

Acontece que desde a infância, significativamente após o episódio de ser surpreendido pelo olhar de seu pai, Genet aprendeu que esse Mal está nele, que há um outro diferente de si que rouba. Paralelamente há uma compreensão de que a sua existência não é bem quista, sobretudo pelo fato de ser entregue à assistência social pela sua mãe após o nascimento, ou seja, um sentimento de rejeição e exclusão o acompanha desde os seus primeiros anos.

Ora, a sociedade com seus Homens de Bem encarregaram-se de criar uma moral em que o Mal corresponde a parte negativa da liberdade, assim atribuíram ao pequeno Genet uma qualidade objetiva mediante uma palavra: Ladrão. Esse adjetivo coloca o garoto numa posição de determinação, de objetividade e, portanto, de *Ser*. Dessa maneira, de acordo com Sartre, ser e palavra são a mesma coisa²², e Genet determinado pelos Outros a ser ladrão não consegue ter uma intuição clara deste *ser-ladrão*.

²² SARTRE, 2002, p.52.

Porém, não é por um movimento de passividade que o Mal se instala em Genet e ele começa a roubar, prostituir-se até tornar-se mendigo e presidiário. Diante de toda história particular e o contexto ao qual Genet se criou, sua existência estava sob tensões coletivas e privadas- sob o aspecto de que ele não era ninguém, apenas um registro na cidade francesa, e sob outro aspecto de que era um “ladrãozinho” para a família adotiva.

Pela opção que tomaram sobre seu ser, as pessoas honestas coagiram uma criança a decidir prematuramente sobre si mesma; podemos adivinhar que essa decisão será capital. Sim, *é preciso* decidir, e matar-se é também decidir. Ele escolheu viver, disse contra todos: serei ladrão. (SARTRE, 2002, p.61)

Genet escolheu viver aquilo que fizeram dele, definitivamente ele não tinha o poder de decidir sobre a rejeição da mãe, pois é uma *facticidade* ser órfão. Assim, a família que o acolheu não era de sua escolha e a única coisa ao qual Genet teve o poder de escolha foi acerca da objetificação que os adultos fizeram dele. Dessa maneira, Genet disse sim à vida rejeitada e entregue à família rural, disse sim ao ladrão instalado em si, e além disso, disse sim ao Mal impelido pelos Homens de Bem.

Em sua literatura, sobretudo na autobiografia *Diário de um ladrão*, Genet é enfático ao dizer que:

Nêste diário eu não quero dissimular as outras razões que fizeram de mim um ladrão, a mais simples sendo a necessidade de comer, todavia em minha escolha jamais entraram a revolta, a amargura, a raiva ou qualquer sentimento idêntico. Com um cuidado maníaco, “um cuidado ciumento”, eu preparei a minha aventura como se arruma um leito, um quarto para o amor: eu tive tesão pelo crime (GENET, J. 1968, p.23).²³

Nesse sentido, podemos perceber que Genet é *autentico* em relação a sua escolha pelo crime, ele a assume e diz sentir “tesão” pelo crime. Desse modo, o futuro poeta se empenhou nessa vida marginalizada, sua intenção era enxergar o Mal que há nele, sentir-se mau. Ele faz isso para afirmar sua vida miserável e abjeta, ser o avesso da sociedade dos Homens de Bem, essa é a *escolha original* de Genet: a abjeção, o Mal. “Ele quer o seu destino; tentará amá-lo. Como resolveu adotar essa solução? Não sei. Certamente, com o coração” (SARTRE, 2002, p.61).

Uma escolha original servirá de base para suas condutas, ao dizer sim a vida marginalizada e escatológica, Jean está afirmando seu compromisso com o Mal e com o que fizeram dele. Assim, Sartre irá dizer que:

²³ As acentuações e regras ortográficas podem estar diferentes das atuais, mas prezei por citar o trecho tal qual está na obra consultada.

Genet escolheu essa defesa foi porque ela estava ao seu alcance. Mas quando uma obstinação sistematizada, endurecida, se mantém por dez, trinta anos, quando ela está na origem da obra poética mais singular e mais bela, quando se transforma em sistema do mundo, em religião oculta, é preciso que ela ultrapasse singularmente o nível de uma simples reação infantil, é preciso que uma liberdade de homem se tenha engajado inteiramente nela. (SARTRE, 2002, p. 62)

Ao engajar-se nessa procura por esse Outro-diferente-de-si que se instalou através do olhar cristizador dos adultos, Jean Genet decide sentir o ladrão que enxergam nele, tenta olhá-lo pelo olhar-outro que o transformou, gozar de si próprio pela gozação do Outro. Genet trilha uma ética inversa e contra a natureza, no caminho da abjeção, contra a sociedade e contra o Bem. De acordo com Sartre, sua dignidade é a reivindicação do Mal. Portanto, todo esforço do garoto em *fazer* o Mal é para *ser* Mau, para tomar as rédeas de sua natureza má que foi impelida pelos Outros. Genet quer tirar o poder constituinte do olhar-Outro e ser abjeto pelas suas próprias condutas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eis que chegamos na reta final do nosso percurso neste trabalho, onde pudemos fazer uma recapitulação das bases do pensamento sartriano, mostrando suas influências teóricas-filosóficas, o desenvolvimento de sua psicanálise existencial e sua relação com a literatura existencialista, bem como, também, a autobiografia de Jean Genet.

Num primeiro momento foi possível perceber de onde o autor partiu para definir alguns conceitos basilares de sua teoria, como a consciência (Para-si) e suas atitudes fundamentais no mundo, também as relações com os objetos (Em-si) e com o Outro. Dessa forma, foi possível compreender o caráter ontológico de negação atribuído ao Para-si e qual sua relação com a constituição da subjetividade, as implicações da fenomenologia na definição da consciência e do EGO, e também o seu caráter transcendente (intencional). Além disso, adentramos na conduta do olhar-do-Outro que cumpre um papel constitutivo no que diz respeito a construção da subjetividade humana e será fundamental no desenvolvimento da psicanálise existencial.

Tais informações vieram primeiro para que a compreensão da psicanálise existencial se desse de maneira satisfatória, pois as divergências e aproximações que Sartre faz com seus interlocutores se dá por causa das suas fundamentações ontológicas e fenomenológicas. Dessa maneira, no segundo capítulo pudemos adentrar com mais segurança na psicanálise existencial tendo passado pelas bases sob as quais o autor edifica sua teoria filosófica.

Nesse sentido, o segundo capítulo é o momento em que apresentamos a concepção temporal adotada pelo existencialista e suas implicações transversais a toda proposta filosófica. Percebemos que a noção temporal de Sartre está relacionada com o desenvolvimento de sua psicanálise, bem como a noção de ser-em-situação, a qual nos remete e amarra as duas correntes filosóficas mais importantes da psicanálise existencial, a saber: existencialismo e materialismo histórico dialético. Assim, conseguimos elucidar o papel do método progressivo-regressivo dentro da psicanálise e também a utilização da biografia nas análises existenciais.

Segue-se que, o esforço para trazer os conceitos centrais da psicanálise existencial neste trabalho tem por finalidade mostrar como Sartre faz a utilização desse arcabouço teórico na obra literária *Saint Genet – Ator e Mártir*. Lembrando que, a conceituação técnica-filosófica da psicanálise existencial está no final da obra *O Ser e O Nada*, defendida por muitos especialistas como a maior obra filosófica do autor. Assim, o terceiro capítulo teve o propósito de colocar em relevo as técnicas psicanalíticas existenciais utilizadas pelo autor em sua análise acerca da vida de Jean Genet.

Concepções como Olhar-do-Outro, escolha original e liberdade apareceram no terceiro capítulo num tom de aplicação da teoria sartriana. Assim, tal parte ficou mais encarregada de elucidar como o autor fez a utilização de seu método em sua literatura, no intuito de explicar a utilização da psicanálise existencial e explorar a teoria psicanalítica do autor através da literatura.

Desse modo, Sartre caracterizou o contexto no qual Genet viveu a luz do materialismo histórico dialético, identificando as estruturas sociais e econômicas que condicionavam o personagem e sua família. Tal caracterização é parte do seu método progressivo-regressivo, dado que o existencialista também procurou analisar a vida do poeta mediante sua autobiografia intitulada: *Diário de um Ladrão*. Nesse sentido, fica palpável a utilização de seu método heurístico e o tratamento que o autor deu para Genet considerando-o *em situação*, ou seja, levando em consideração a singularidade do personagem em meio a realidade circundante objetiva.

Segue-se que, a escolha do crime feita por Genet tem sua gênese na infância do personagem, tal qual a psicanálise freudiana valoriza a infância em suas análises. Porém, essa escolha não foi feita por causa de algum trauma do passado, pois o passado de Genet cumpre um papel, dentro da psicanálise existencial, de cristalização do ladrão feito pelo Olhar-do-Outro (olhar do seu pai). Sartre caracterizou a escolha original do poeta a luz

de um futuro, um futuro que Genet trilhou para si no caminho da abjeção, da aversão a moral social burguesa e do Mal.

Portanto, o terceiro capítulo procurou demonstrar como o existencialista caracterizou a construção do Genet-ladrão, mediante a psicanálise existencial que tem como objetivo identificar a escolha original da consciência, ou seja, sua prioridade última que exprime a unificação do Para-si no mundo. Assim, chegamos à conclusão de que a psicanálise existencial compreende o ladrão que Genet foi através de sua escolha fundamental de ser Mal, de ser abjeto e contra toda natureza humana socialmente estabelecida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLOUCHE, F. *Ser livre com Sartre*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- COLANTONI, A. G. *A questão do valor em Sartre: sobre o sentido do idealismo sartriano*. Campinas, SP: UNICAMP, 2016.
- GENET, J. *Diário de um ladrão*. 2.Ed. Rio de Janeiro, RJ: Gráfica Record Editora, 1968.
- KANT, *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- MOURA, C. E. *Psicanálise Existencial, Existencialismo e História: a dimensão sócio-material e a autenticidade no processo de construção de si*. São Carlos: Edufscar, 2016.
- MOUTINHO, L. *Sartre: psicologia e fenomenologia*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1995.
- SARTRE, J. *Ensaio Sobre a Transcendência do Ego: esboço de uma descrição fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- _____. *Esboço para uma teoria das emoções*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- _____. *Existencialismo é um Humanismo*. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- _____. *Questão de Método*. São Paulo, SP: Nova Cultura, 1987.
- _____. *O ser e o Nada – Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Petrópolis, Rj: Editora Vozes, 2015.
- _____. *Saint Genet: Ator e Mártir*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- _____. *Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- SASS, “A concepção sartriana de ego transcendental” *In: Educação e Filosofia*. Uberlândia, jul/dez 1999.